

# **Educação Empreendedora como Alternativa ao Descompasso entre a Formação e a Alocação de Profissionais de Nível Superior no Brasil: Estudo de Caso em uma Universidade Pública.**

Autoria: Virgílio César da Silva e Oliveira, Daniel Gustavo Fleig, Frederico Antonio Mineiro Lopes, Luiz Marcelo Antonialli

## **Resumo**

Este artigo discute a assimetria que caracteriza a relação entre o processo de formação de profissionais de nível superior no Brasil e a capacidade do mercado de trabalho em absorvê-los apresentando, neste contexto, as potencialidades da educação empreendedora. Procura conhecer a opinião dos acadêmicos de administração e ciência da computação da Universidade Federal de Lavras – UFLA sobre a contribuição de disciplinas e atividades extra-classe para a concepção, desenvolvimento e consolidação de novos negócios. Pretende, ainda, verificar o comportamento dos respondentes em relação à conduta empreendedora identificada em pesquisas anteriores. O emprego de métodos estatísticos de natureza descritiva e multivariada revela a presença de grupos com opiniões divergentes e a existência de características distintas entre os cursos.

## **1- Introdução**

No ano de 2001, foram entregues ao mercado de trabalho brasileiro, segundo dados do MEC (2002), mais de 395 mil novos profissionais. Este número ultrapassa em 12% o mesmo índice apurado no ano anterior. Se, por um lado, este fato pode ser considerado extremamente positivo para o Brasil, por outro, reflete a assimetria existente entre a formação de profissionais e a capacidade do mercado nacional em absorvê-los.

O setor secundário da economia representou, até os anos 80, uma fonte significativa de emprego para trabalhadores especializados. No entanto, a partir desta década, o segmento passou por fortes mudanças decorrentes da nova dinâmica produtiva mundial, da integração de mercados e da abertura da economia brasileira ao comércio internacional. Como resultado, o que se pôde observar foi o inchaço do setor de serviços e o aumento do trabalho informal.

Paralelamente, a importância das micro e pequenas empresas na dinâmica econômica foi, como nunca, reconhecido. Os dados da RAIS, sintetizados por La Rovere (2001), demonstram que 44,6% dos postos de trabalho em 1997 estavam localizados em empresas com até 100 empregados. Acredita-se, no entanto, que esta parcela seja ainda maior devido à imprecisão das estimativas sobre o fenômeno da informalidade.

Diante deste contexto, torna-se relevante o debate sobre o papel das instituições de ensino superior no país. Em um período onde a posse de competência exclusivamente técnica já não é capaz de garantir a inserção de graduados no mercado de trabalho, iniciativas como a formação empreendedora descortinam novas possibilidades individuais (geração do próprio emprego e ampliação do potencial de empregabilidade) e sociais (oferta de postos de trabalho pela constituição de novos empreendimentos e redução do índice de falências de micro e pequenas empresas).

Considerando estes fatos, o presente trabalho procura investigar a disposição e a aptidão de futuros profissionais dos cursos de administração e ciência da computação da Universidade Federal de Lavras em empreender. Para tanto, em seus objetivos específicos procura estabelecer o perfil dos acadêmicos e seus objetivos profissionais; avaliar o comportamento empreendedor dos alunos com base nas características destacadas por Dolabela (1999) e Fillion (1998, 1999); verificar se as disciplinas e atividades extra-classe

contribuem para a formação de empreendedores; investigar a existência de diferenças significativas entre cursos e, por fim, averiguar a presença de subgrupos com opinião e comportamento distintos evidenciando as variáveis responsáveis por esta divergência.

## **2- Referencial teórico**

De modo a contextualizar a pesquisa e fornecer elementos para uma abordagem satisfatória do tema, serão discutidos neste tópico as tendências relacionadas à formação de profissionais de nível superior no Brasil e as características do mercado de trabalho brasileiro. Em seguida, serão expostos alguns elementos que caracterizam o perfil, o comportamento e a educação empreendedora.

### **2.1- Mudanças e tendências na formação de profissionais de nível superior no Brasil**

Produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, o Censo da Educação Superior de 1999 traz em seu conteúdo as principais tendências da formação de graduados no país. Mediante consulta a um conjunto de 1097 instituições foram estabelecidas, entre outras, as seguintes conclusões:

- ← O número de matrículas em cursos de graduação ampliou-se consideravelmente a partir da segunda metade da década de 90.
- ← Os indicadores de eficiência e produtividade do sistema de formação superior apresentaram melhoria global.

Entre 1994 e 1999 as instituições de ensino superior registraram um aumento de 717 mil matrículas, número que corresponde a um crescimento relativo da ordem de 43,1%. Esta expansão, que entre 1996 e 1999 registrou taxas médias anuais de 8,4%, diferencia-se da dinâmica observada entre os anos de 1981 e 1994 onde a variação média foi de 1,4% ao ano. Caso esta tendência se mantenha, o sistema deverá comportar, em 2002, cerca de três milhões de alunos.

Contribuíram para este fato, além do crescimento vegetativo registrado na década de 70, a ampliação do número de vagas no ensino médio e a expansão da oferta em instituições particulares e públicas – principalmente no que se refere aos cursos noturnos e às regiões Norte e Centro-Oeste.

Um dos principais indicadores utilizados para estimar a eficiência de um sistema educacional é a proporção de alunos que terminaram seus cursos em relação ao número de ingressantes em um dado período. No caso do ensino superior considera-se que o tempo médio de conclusão é de cinco anos.

A análise da evolução deste índice retrata que a relação concluintes/ingressantes era, em 1990, de 60,8%. Este valor aumentou para 64,9% em 1998. Em outras palavras, nestes 8 anos a evasão no ensino superior reduz-se em 4,1 pontos percentuais.

Outro indicador capaz de confirmar a melhoria da eficiência do sistema de formação superior no Brasil é o aumento do número de concluintes. Entre os anos de 1981 e 1994 o total de graduandos que concluíram seus cursos cresceu 6,1%. A expansão deste indicador entre 1994 e 1999 foi da ordem de 25,2%.

A conjugação destes fatores demonstra a nova dinâmica do ensino superior brasileiro que, além de acolher um maior número de estudantes, apresenta reduções contínuas em seus índices de evasão escolar.

## 2.2- O mercado de trabalho brasileiro e o novo perfil do desemprego

O mundo do trabalho, conforme o conhecemos, tem passado por transformações desde o final do século XIX. Mudanças de ordem social e tecnológica repercutem na vida dos trabalhadores e, conseqüentemente, na subjetividade humana sobre o significado do trabalho. Para Minerbo (1999) devemos “desencantar o trabalho”, buscando uma saída para o impasse do desemprego estrutural. Há uma ruptura contemporânea no ideal do emprego seguro e estável para todos.

As transformações trabalhistas intensificaram-se na década de 80, com o sucesso do modelo japonês. Para Martins (1999), este processo de reestruturação produtiva contempla tanto a introdução da microeletrônica em manufaturas quanto de novos processos de gestão da produção e de pessoas. A internacionalização do capital, a elevação dos padrões de qualidade e produtividade e o acirramento da competitividade, fazem do emprego uma das principais variáveis de ajuste econômico para as empresas. O *retrenchment* (redução de pessoal) passou a ser uma política de recursos humanos (Caldas, 2000). Para Pochmann (1999), o setor público também tem utilizado o emprego como mecanismo de ajuste, na busca do equilíbrio fiscal e da modernização organizacional.

Outra prática gerencial adotada pelas empresas como resposta ao desequilíbrio entre demandas e recursos é o *downsizing*. Esta política, busca reduzir a estrutura hierárquica em organizações onde o paradigma fordista de produção deu lugar ao toyotista, exigindo novas habilidades do trabalhador como a multifuncionalidade, a capacidade de trabalhar em equipe e a compreensão do processo onde atua. Os trabalhadores de nível médio foram os mais afetados pelos cortes de pessoal (Caldas, 2000).

No Brasil, a partir dos anos 90, houve um inchaço do setor terciário e um aumento das atividades informais. Verifica-se uma diminuição do total de empregados assalariados e com registro, ocasionando uma precarização das relações de trabalho. Observa-se uma expansão dos trabalhos autônomos e das ocupações não remuneradas (Pochmann, 1999:41).

Embora as estatísticas oficiais de desemprego estimadas pelo IBGE (2002) apontem uma variação de 6% a 8% no nível de ocupação entre os anos de 1991 e 2002, fontes como o DIEESE, sinalizam, conforme Kraychete et al. (2000), taxas de desemprego da ordem de 20% no mesmo período. Para esses autores, todas as regiões brasileiras apresentam taxas de desemprego que são, no mínimo, duas vezes maiores que as verificadas no final da década de 80.

Para Pochmann (1999) não houve apenas uma mudança na quantidade de desempregados mas, também, em seu perfil. Para o autor, houve uma elevação do tempo de procura por trabalho e mudanças na estrutura do desemprego, que cresceu de modo intenso para as pessoas com mais de 11 anos de escolaridade, com idade superior a 40 anos e para os que buscam o primeiro emprego.

Todas estas questões têm como pano de fundo o baixo índice de crescimento da economia nacional, incapaz de absorver o número de jovens que atingem a idade produtiva ou que concluem seu ciclo de formação.

## 2.3- O empreendedorismo

O termo empreendedorismo corresponde, segundo Dolabela (1999), a uma livre tradução da palavra *entrepreneurship* e designa uma área de abrangência que se ocupa, além da criação de empresas, dos seguintes tópicos: geração do auto-emprego, intra-empreendedorismo (empreendedorismo no interior de organizações), empreendedorismo comunitário e políticas públicas (ações governamentais para o setor). Tal definição, reflete a

amplitude de conceitos relacionados ao tema e cuja origem pode ser atribuída às diversas pesquisas que tiveram como foco o empreendedor.

Uma das primeiras referências ao empreendedor encontra-se na obra “Teoria do Desenvolvimento Econômico” do economista austríaco Joseph Alois Schumpeter. Embora tenha sido escrito em 1911, o texto recebeu em 1926 novos conteúdos para alguns de seus capítulos, dentre os quais destaca-se o segundo, onde referências explícitas a este agente podem ser encontradas.

Em sua teoria, Schumpeter atribui extrema importância às “novas combinações de meios de produção” ou “empreendimentos” e aos “empresários” cuja principal função seria a realização de tais combinações. Cabe aqui, uma ressalva no que se refere ao emprego do termo “empresário” pelo autor. Segundo ele, o que caracteriza estes indivíduos não é a posse dos meios de produção, mas sim, a constante implementação de inovações.

*“(...) a realização de combinações novas é ainda uma função especial, e o privilégio de um tipo de pessoa que é muito menos numeroso que todos os que têm possibilidade 'objetiva' de fazê-lo. Portanto, finalmente, os empresários são um tipo especial, e o seu comportamento um problema especial, a força motriz de um grande número de fenômenos significativos”. (Schumpeter, 1982:58).*

Mediante análise de extensa bibliografia, Filion (1998, 1999, 2001) verificou que os pesquisadores tendem a perceber e definir os empreendedores segundo as premissas de suas próprias disciplinas. Contudo, pôde selecionar as principais correntes de pensamento que influenciaram o debate sobre o assunto. São estas: a dos economistas, a dos behavioristas e uma terceira, que conjuga diversos aspectos.

Para os economistas, que desde o século XVIII produzem pesquisas nesta área, o empreendedor caracteriza-se pela predisposição a inovar e assumir riscos, relacionando-se diretamente à dinâmica do sistema econômico. Mais recentemente, nas décadas de 70 e 80, a influência das ciências do comportamento orientou os trabalhos sobre empreendedorismo que tinham como principal objetivo descobrir “quem é o empreendedor”.

Os estudos contemporâneos, desenvolvidos a partir dos anos 90, apresentam uma nova indagação: “o que faz um empreendedor?”. O interesse em responder esta pergunta é decorrente do resultado de alguns trabalhos que afirmam que o comportamento de um empreendedor pode prever seu sucesso com menos imprecisão do que seus traços de personalidade.

Para o desenvolvimento deste trabalho, adota-se o conceito de empreendedor cunhado por Filion (1991) devido ao seu caráter menos restritivo e, portanto, capaz de contemplar as múltiplas abordagens que buscam compreender este ator social. Para este autor um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões.

### **2.3.1- As características e o comportamento do empreendedor**

Uma das principais razões que impulsiona a realização de investigações sobre a natureza e o comportamento dos indivíduos com potencial empreendedor refere-se ao reconhecimento da importância das pequenas e micro empresas no atual contexto econômico mundial.

A possibilidade de se constituir empreendimentos dotados de um novo tipo de capital – representado pela capacitação, pró-atividade e motivação de seus fundadores – talvez seja

capaz de reverter os alarmantes índices de mortalidade de pequenas empresas registrados no mundo.

Não existe, neste contexto, uma relação direta entre causa e efeito, ou seja, o indivíduo portador de determinadas características e condutas não será, necessariamente, um empreendedor bem sucedido. O reconhecimento deste perfil, entretanto, pode orientar iniciativas de ensino e qualificação destinadas a profissionais de todos os níveis. Nas palavras de Filion:

*“Embora nenhum perfil científico tenha sido traçado, as pesquisas têm sido fonte de várias linhas mestras para futuros empreendedores, ajudando-os a situarem-se melhor. A pesquisa sobre empreendedores bem-sucedidos permite aos empreendedores em potencial e aos empreendedores de fato identificarem as características que devem ser aperfeiçoadas para a obtenção de sucesso”.* (Filion, 1999:10).

As diversas investigações sobre a personalidade e o comportamento empreendedor revelam alguns traços comuns, sistematizados em Dolabela (1999) e Filion (1998, 1999). Estes profissionais possuem perseverança e tenacidade, consideram o fracasso uma fonte de aprendizado e, normalmente, elegem uma pessoa cuja conduta possa servir de modelo. Desenvolvem forte intuição como resultado de um profundo conhecimento do ramo em que atuam.

Os empreendedores são capazes de identificar o que devem aprender, preocupam-se em aprender a aprender e orientam suas ações para a obtenção de resultados em longo prazo. Procuram criar situações em que possam obter *feedback* sobre seu comportamento, utilizando estas informações para seu aprimoramento. São capazes de assumir riscos, entretanto, fazem o possível para minimizá-lo. Aceitam o dinheiro como uma das medidas de seu desempenho. São inovadores e criativos, cultivam a imaginação e aprendem a definir visões.

São competentes em buscar, utilizar e controlar recursos. São dotados de iniciativa, autonomia, autoconfiança e otimismo. Exercitam sua liderança desenvolvendo, muitas vezes, um sistema próprio de relacionamento com seus colaboradores. Buscam tecer redes de relações e as utiliza como suporte para o alcance de seus objetivos.

Os empreendedores, por fim, podem ser considerados produtos da época e do lugar onde vivem. Se a constituição de um negócio é considerada algo positivo em seu ambiente (família, amigos, instituição de formação, etc.), maior será a probabilidade de que este indivíduo empreenda.

### **2.3.2- Educação empreendedora**

No Brasil, a primeira iniciativa de ensino relacionada ao empreendedorismo originou-se, de acordo com Dolabela (2001), em 1981 na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo. A disciplina “novos negócios” integrava o Curso de Especialização em Administração para Graduados – CEAG. No ano de 1984 seu conteúdo foi estendido para a graduação com o nome de “criação de novos negócios – formação de empreendedores”. Neste mesmo ano, registra-se a oferta de disciplinas com ementas voltadas à criação de empresas na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo e no Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Entre as razões que reforçam a relevância da educação empreendedora, Dolabela (1999) evidencia o alto índice de insucesso das empresas emergentes e a demanda

organizacional por indivíduos capazes de identificar oportunidades, inovar e compreender o negócio em que atuam. Ressalta a inadequação das atuais metodologias de ensino – com foco em grandes empresas – para a educação de empreendedores e a distância entre os centros de formação e os sistemas de suporte (empresas, associações de classe, órgãos governamentais e de fomento). Afirma, ainda, que conceitos como ética e cidadania devem ser incorporados aos programas de formação empreendedora devido à influência deste ator na sociedade e na economia.

Evidentemente, o equilíbrio da relação entre a formação de profissionais e sua alocação no mercado de trabalho não será alcançado exclusivamente pela educação empreendedora. Entretanto, os efeitos benéficos desta atividade se manifestam em várias frentes justificando seu fomento.

Mediante análise dos projetos político-pedagógicos dos cursos de administração e ciência da computação da UFLA foi constatada a existência de uma disciplina específica sobre empreendedorismo no primeiro curso. De caráter eletivo, sua ementa é composta pelos seguintes tópicos: empreendedorismo e pequenas empresas, aspectos processuais do empreendedorismo, perspectivas da ação empreendedora e gestão de pequenas e médias empresas. O curso de ciência da computação não apresenta conteúdo específico sobre o tema.

### 3- Metodologia

Inicialmente, foram selecionadas as principais características associadas ao perfil e ao comportamento empreendedor, presentes nos trabalhos de Dolabela (1999) e Filion (1998, 1999). Tais atributos foram sintetizados em um questionário estruturado composto por três partes. A primeira, procurou estimar o perfil demográfico dos respondentes (sexo, idade, curso, poder econômico, atividades acadêmicas, experiência profissional e objetivos); a segunda, apurar suas opiniões sobre disciplinas e atividades extra-classe e a última, estabelecer os traços característicos de sua conduta. Nestas duas seções finais, foram empregadas escalas tipo Likert de cinco pontos para medir o grau de concordância dos acadêmicos com as afirmações propostas. O conteúdo das questões encontra-se sistematizado no quadro 1, onde os itens de 1 a 9 referem-se à opinião dos respondentes e os de 10 a 18 ao seu comportamento.

Quadro 1- Denominação das variáveis da pesquisa

QUESTÕES PROPOSTAS AOS GRADUANDOS	NOME VARIÁVEL
1- As disciplinas cursadas na graduação e atividades extra-classe contribuíram para o reconhecimento de diversas possibilidades profissionais relacionadas à minha futura profissão	Reconhecimento de possibilidades profissionais
2- As disciplinas cursadas na graduação e atividades extra-classe contribuíram para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à consolidação de meus objetivos (dimensão técnica - instrumental)	Desenvolvimento de habilidades e competências
3- As disciplinas cursadas na graduação e atividades extra-classe contribuíram para a identificação de atributos pessoais favoráveis ou desfavoráveis à realização de minhas metas (dimensão humano - comportamental)	Identificação de atributos pessoais
4- As disciplinas cursadas na graduação e atividades extra-classe contribuíram para a determinação e desenvolvimento de uma visão de negócio	Desenvolvimento de visão de negócio
5- As disciplinas cursadas na graduação e atividades extra-classe apresentaram de modo satisfatório conteúdo sobre o tema empreendedorismo	Conteúdo sobre empreendedorismo
6- As disciplinas cursadas na graduação e atividades extra-classe proporcionaram o contato com ferramentas de suporte à atividade empreendedora tais como plano de negócio e estudo de viabilidade técnica e econômica	Acesso a técnicas para empreender

7- As disciplinas cursadas na graduação e atividades extra-classe contribuíram de modo mais significativo para a formação de profissionais com maior capacidade de empreender do que de atuar em empresas na condição de empregados	Formação de empreendedores
8- A metodologia de ensino predominante na graduação foi o estímulo ao auto aprendizado por meio de pesquisas e trabalhos propostos, estudos de caso e outras atividades não estando centrada na transmissão de conteúdo professor - aluno por meio de aulas expositivas	Metodologia graduação
9- Durante a graduação fui capaz de conceber uma idéia de negócio associando técnicas e conceitos aprendidos com meus interesses e motivações pessoais	Concebi negócio na graduação
<b>QUESTÕES PROPOSTAS AOS GRADUANDOS</b>	<b>NOME VARIÁVEL</b>
10- Acredito que iniciativa, auto confiança, perseverança, otimismo e capacidade de liderar são características que me diferenciam	Características diferenciadoras
11- Sou capaz de tolerar o fracasso e considero-o uma significativa fonte de aprendizado	Aprendo com o fracasso
12- Venho de um meio onde vários amigos, conhecidos ou familiares abriram seu próprio negócio	Origem empreendedora
13- Procuro orientar minhas ações para obtenção de resultados em longo prazo	Resultados longo prazo
14- Considero muito importante consolidar uma rede de relações interpessoais em todos os ambientes onde convivo	Relações interpessoais
15- No âmbito profissional considero que a possibilidade de inovar e trabalhar com autonomia seja mais importante do que segurança e estabilidade	Troco estabilidade por autonomia
16- Procuro identificar entre as pessoas com as quais interajo (amigos, familiares, colegas de trabalho) modelos de conduta capazes de orientar minhas ações e contribuir para a realização de meus objetivos	Modelos de conduta
17- Estou disposto a abrir mão de uma ocupação que me proporcione maior retorno financeiro para trabalhar em algo que realmente me satisfaça	Troco remuneração por satisfação
18- Acredito que mais importante do que deter conhecimentos específicos é possuir a habilidade de reconhecer novas fontes de aprendizado e aprender a aprender	Aprender a aprender

A amostra, não probabilística e selecionada por conveniência, foi composta por 74 graduandos dos dois últimos períodos letivos dos cursos de graduação em administração e ciência da computação da Universidade Federal de Lavras. O período de coleta estendeu-se entre os dias 07 e 08 de novembro de 2002.

Devido ao seu escopo, o trabalho apresenta-se como um estudo de caso que, segundo Yin (2001), caracteriza-se por investigar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Em função disto, apresenta pequeno potencial de generalização no que se refere aos resultados apurados.

De natureza quantitativa, a pesquisa emprega o método *survey* que se utiliza de questões estruturadas para produzir estatísticas sobre os atributos da amostra. Os dados obtidos foram analisados com o auxílio do *software* Statistical Package for Social Science – SPSS – na geração de estatísticas de natureza descritiva (distribuição de frequências e tabulação cruzada) e multivariada (análise de conglomerados e discriminante). Estas duas últimas técnicas são empregadas e discutidas por diferentes autores, entre os quais destacam-se Hair Jr. et al. (1995); Malhotra (2001) e Aaker et al. (2001).

## 4- Resultados e discussões

### 4.1- Caracterização dos graduandos

Para a realização da pesquisa foram aplicados 74 questionários sendo que 34 foram destinados ao curso de graduação em administração e 40 ao curso de ciência da computação. Deste total, 68,9% dos respondentes eram do sexo masculino e 31,1% do sexo feminino. A idade média dos respondentes é de 24 anos e o intervalo compreendido entre 21 e 23 anos concentra 71,62% do total de alunos. A amplitude etária se estende de 19 a 30 anos.

A classe econômica dos graduandos foi estimada pelo critério da ABA (Associação Brasileira de Anunciantes) e ABIPME (Associação Brasileira de Investigação e Pesquisa de Mercado). Esta metodologia não tem por objetivo categorizar os respondentes em classes sociais, mas sim, inferir o poder econômico de suas famílias.

Sobre este atributo foi possível verificar que a classe A1 responde por 1,4% da amostra; a categoria A2 por 17,6% e a B1 por 23%. O conjunto de acadêmicos alocados em B2 corresponde a 28,4%; em C 21,6% e em D 8,1%.

A tabela 1 retrata as principais atividades extra-classe desenvolvidas pelos respondentes, dentre as quais destaca-se a monitoria realizada por 51,4% dos alunos. Bolsas de estudo da instituição e de iniciação científica também foram frequentemente citadas. A atividade “programa especial de treinamento” encontra-se disponível apenas para os estudantes do curso de administração. As respostas obtidas nesta e na próxima questão não apresentam caráter mutuamente exclusivo.

Tabela 1- Atividades extra-classe desenvolvidas pelos acadêmicos

Atividade extra-classe	Frequência %
Monitoria	51,4 %
Iniciação científica	23,0 %
Bolsa da universidade	24,3 %
Programa especial de treinamento (PET)	5,4 %
Empresa Júnior	16,2 %
Não realizou nenhuma atividade	20,3 %

Fonte: Dados da pesquisa

Durante o período de formação, alguns acadêmicos exerceram atividades profissionais. Trabalharam ou estagiaram em empresa privada 45,9% dos estudantes e em instituições públicas 29,7% dos respondentes. Dedicaram-se exclusivamente aos estudos 23% dos graduandos.

Tabela 2- Atividades profissionais desenvolvidas pelos acadêmicos

Atividade profissional	Frequência %
Trabalho ou estágio em empresa privada	45,9 %
Trabalho ou estágio instituição pública	29,7 %
Trabalho ou estágio em negócio próprio	14,9 %
Trabalho ou estágio em negócio da família	17,6 %
Realizou outra atividade profissional	5,4 %
Não realizou nenhuma atividade profissional	23,0 %

Fonte: Dados da pesquisa

## 4.2- Objetivos profissionais dos acadêmicos

Nesta seção serão detalhados os objetivos profissionais imediatos e em médio-longo prazo dos acadêmicos de administração e ciência da computação da Universidade Federal de Lavras. A tabulação cruzada destas informações, por fim, pretende avaliar a coerência das pretensões atuais e futuras dos respondentes.

Tabela 3- Objetivo profissional dos alunos (curto prazo)

Objetivo profissional (curto prazo)	Frequência %
Dedicar-me exclusivamente à pós graduação	36,5 %
Conseguir emprego em empresa privada	36,5 %
Conseguir emprego no setor público	10,8 %
Abrir um negócio próprio	9,5 %
Trabalhar nos negócios da família	5,4 %
Outro objetivo profissional	1,4 %

Fonte: Dados da pesquisa

Entre os principais objetivos imediatos mencionados destacam-se a dedicação exclusiva à pós graduação *stricto sensu* e o trabalho em empresa privada, ambos com 36,5% das respostas.

Tabela 4- Objetivo profissional dos acadêmicos (médio-longo prazo)

Objetivo profissional (médio e longo prazos)	Frequência %
Seguir a vida acadêmica	23,0 %
Constituir carreira em empresa privada	25,7 %
Constituir carreira no setor público	13,5 %
Consolidar meu próprio negócio	29,7 %
Consolidar os negócios de minha família	4,1 %
Não respondeu	4,1 %

Fonte: Dados da pesquisa

Entre os objetivos de médio-longo prazo dos estudantes, expressos na tabela 4, a consolidação de negócios próprios foi mencionada por 29,7% dos acadêmicos.

A análise da tabela 5 permite-nos perceber a diversidade de metas no curto prazo dos graduandos que pretendem empreender no futuro. Deste total (29,7% da amostra), 9,5% desejam empregar-se em empresa privada, 5,4% dedicar-se a pós graduação *stricto sensu*, 4,1% empregar-se no setor público e 1,4% trabalhar nos negócios da família. A busca por maior experiência de mercado ou a necessidade de capital representam, possivelmente, os principais condicionantes deste fato.

Tabela 5- Objetivo profissional (médio-longo prazo) versus objetivo profissional (curto prazo)

Objetivo profissional (curto prazo)	Objetivo profissional (médio-longo prazo)					
	Seguir a vida acadêmica	Carreira empresa privada	Carreira no setor público	Consolidar meu próprio negócio	Consolidar negócios da família	NS/NR
Dedicar-me apenas à pós-graduação	16,2%	6,8%	5,4%	5,4%	0,0%	2,7%
Empregar-me em empresa privada	6,8%	17,6%	2,7%	9,5%	0,0%	0,0%
Empregar-me no setor público	0,0%	0,0%	5,4%	4,1%	0,0%	1,4%

Abrir negócio próprio	0,0%	0,0%	0,0%	9,5%	0,0%	0,0%
Trabalhar nos negócios da família	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	4,1%	0,0%
Outros objetivos imediatos	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: Dados da pesquisa

### 4.3- Opinião e comportamento dos respondentes

De modo a atender aos objetivos propostos, o conjunto de informações referentes à opinião e ao comportamento dos acadêmicos, definido no quadro 1, foi submetido, nesta seção, a procedimentos estatísticos de natureza descritiva e multivariada.

#### 4.3.1- Opinião dos acadêmicos

As questões referentes à opinião e ao comportamento dos graduandos foram concebidas de modo a garantir que, quanto maior o índice de concordância de um respondente maior seria seu potencial empreendedor. A atribuição de números à escala Likert (1- concordo totalmente, 2- concordo em parte, 3- não tenho opinião, 4- discordo em parte e 5 discordo totalmente) permitiu a comparação do posicionamento dos graduandos através de indicadores como a mediana e a média.

Desse modo, o valor da mediana – medida de posição que divide uma sequência de dados ordenados em duas partes iguais – é capaz de evidenciar a tendência dos acadêmicos em concordar ou não com uma afirmação. Entretanto, de modo a refinar a comparação entre as variáveis, a análise deste indicador será conjugada com a média (cuja representatividade será estimada pelo desvio-padrão).

Tabela 6- Opinião dos acadêmicos

Variáveis de opinião	Mediana	Média	Desvio padrão
Identificação de atributos pessoais	2,00	2,01	0,94
Reconhecimento de possibilidades profissionais	2,00	2,14	1,01
Desenvolvimento de habilidades e competências	2,00	2,16	1,07
Desenvolvimento de visão de negócio	2,00	2,26	1,19
Conceber negócio na graduação	2,00	2,50	1,25
Metodologia graduação	2,00	2,76	1,41
Acesso à técnicas para empreender	2,00	3,01	1,33
Formação de empreendedores	4,00	3,18	1,50
Conteúdos sobre empreendedorismo	4,00	3,30	1,33

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 6 apresenta o conjunto de nove variáveis que procura refletir a opinião dos estudantes. É possível constatar que os estudantes tendem a concordar com as sete iniciais e discordar das duas últimas. Neste caso, reconhecem que as disciplinas e atividades extra-classe contribuem mais para a formação de empregados do que empreendedores e não apresentam de modo satisfatório conteúdo sobre empreendedorismo.

#### 4.3.2- Comportamento dos graduandos

Os estudantes, ao avaliarem seu próprio comportamento, demonstraram concordar com todas as afirmações. Isto revela um significativo potencial empreendedor principalmente no que se refere à consolidação de redes de relacionamento interpessoal, ao aprendizado contínuo e à identificação de modelos de conduta.

Tabela 7- Comportamento dos graduandos

Variáveis de comportamento	Mediana	Média	Desvio padrão
Relações interpessoais	1,00	1,16	0,41
Aprender a aprender	1,00	1,41	0,59
Modelos de conduta	1,50	1,65	0,83
Características diferenciadoras	2,00	1,80	0,86
Troco remuneração por satisfação	2,00	1,84	1,02
Aprendo com fracasso	2,00	1,99	1,13
Resultados longo prazo	2,00	2,14	1,15
Troco estabilidade por autonomia	2,00	2,30	1,27
Origem empreendedora	2,00	2,96	1,55

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4.3.3- Distinção entre cursos

O emprego da análise discriminante tem por objetivo verificar a existência de diferenças expressivas, ao nível de significância de 5%, entre os cursos de administração e ciência da computação. Pretende, ainda, destacar as variáveis que determinam tais distinções. Para tanto, a variável “curso” foi considerada dependente e as questões relativas à opinião e ao comportamento dos graduandos foram destacadas como variáveis independentes.

Conclui-se que o padrão de resposta das variáveis “desenvolvimento de visão de negócio” e “conteúdos sobre empreendedorismo” foram significativamente distintos entre cursos.

O quadrado da correlação canônica, que corresponde ao percentual da variância explicado pela função discriminante gerada, correspondeu a 25,20%. Este indicador não pode ser considerado irrelevante pois, em ciências sociais, a influência de fatores incontrolláveis tende a reduzir a eficácia de modelos estatísticos.

A tabulação cruzada das variáveis citadas com o atributo “curso” contribuiu para a compreensão das diferenças entre graduandos. A tabela 8 demonstra que 85,3% dos acadêmicos do curso de administração desenvolveram alguma visão de negócio durante a graduação. Este dado cai para 60% no que se refere aos estudantes de ciência da computação.

Tabela 8- Desenvolvimento de visão de negócios versus curso

Desenvolvimento de visão de negócios	Curso	
	Administração	C. computação
Concordo totalmente	44,1%	17,5%
Concordo em parte	41,2%	42,5%
Não tenho opinião	2,9%	7,5%
Discordo em parte	11,8%	25,0%
Discordo totalmente	0,0%	7,5%

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à variável “conteúdos sobre empreendedorismo” foi possível constatar que 50% dos graduandos de ciência da computação tendem a concordar com a afirmação de que

este assunto foi contemplado em suas disciplinas. No que se refere ao curso de administração este percentual equivale a 26,4%.

Tabela 9- Conteúdos sobre empreendedorismo versus curso

Conteúdos sobre empreendedorismo	Curso	
	Administração	C. computação
Concordo totalmente	2,9%	12,5%
Concordo em parte	23,5%	37,5%
Não tenho opinião	5,9%	5,0%
Discordo em parte	38,2%	30,0%
Discordo totalmente	29,4%	15,0%

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4.3.4- Reconhecimento de subgrupos entre os acadêmicos

Neste tópico, foi empregada a técnica de análise de conglomerados que pretende constituir sub-populações homogêneas no interior dos grupos e heterogêneas entre conglomerados. Seu emprego justifica-se devido ao fato de, *a priori*, desconhecermos tanto o número de grupos que deverão ser constituídos quanto o seu conjunto de características.

Dentre os métodos disponíveis para a execução da análise de conglomerados adotou-se o agrupamento hierárquico aglomerativo, que combina sistematicamente os indivíduos de modo que estes possam constituir grupos constantemente maiores. O processo de aglomeração selecionado foi o método *Ward*, de variância.

O total de respondentes foi inicialmente segregado em dois grupos. O primeiro reuniu 6 graduandos (8,1% da amostra) e o segundo 68 (91,9%). A aplicação da análise discriminante tendo o conglomerado como variável dependente apontou o atributo “reconhecimento de possibilidades profissionais” como principal determinante da diferença entre grupos. O quadrado do coeficiente de correlação canônica atestou que 72,9% da variância da variável dependente é explicada pela função discriminante.

A análise do padrão de resposta dos grupos em relação a esta variável revelou que, para o subconjunto de 6 elementos, as disciplinas e atividades extra-classe não contribuíram para o reconhecimento de possibilidades profissionais.

Em procedimento análogo ao da seção anterior foram determinados três conglomerados. No primeiro foram alocados 6 graduandos, no segundo 59 e no terceiro 9 estudantes. A formação de três subconjuntos requer o emprego de duas funções discriminantes cujos coeficientes de correlação canônica ao quadrado correspondem a 79,2% e 62,5%.

As variáveis que contribuíram para a diferenciação dos grupos, em ordem de importância foram “reconhecimento de possibilidades profissionais”, “troco estabilidade por autonomia”, “resultados longo prazo”, “formação de empreendedores”, “características diferenciadoras”, “desenvolvimento de visão de negócio” e “metodologia graduação”.

Para análise do padrão de respostas foi suprimida a categoria “não tenho opinião” e o percentual correspondente à escala de concordância foi recalculado de modo a expressar somente as opiniões válidas.

O subconjunto composto por 59 estudantes tende a concordar, de modo integral ou parcial, com todas as afirmações, exceto “formação de empreendedores”. O terceiro grupo (9 graduandos) mostrou-se em desacordo com as questões “troco estabilidade por autonomia”, “resultados longo prazo” e “metodologia graduação”. O primeiro conglomerado, composto por 6 indivíduos, demonstrou sua discordância com “reconhecimento de possibilidades profissionais”, “desenvolvimento de visão de negócio” e “metodologia graduação”.

## 5- Considerações finais

O debate sobre as potencialidades da formação empreendedora ganha relevância no atual contexto sócio-econômico do Brasil. Os baixos índices de crescimento econômico observados nas últimas duas décadas, o processo de reestruturação produtiva, a estratégia do emprego como variável de ajuste e a expansão do número de profissionais que buscam inserir-se no mercado de trabalho, contribuíram para a alteração do perfil do desemprego no país.

A dificuldade do primeiro trabalho e a ampliação do desemprego entre os indivíduos com mais de 11 anos de escolaridade tende a afetar diretamente parte da população que atinge a idade produtiva e que completa seu ciclo de formação. Nestas condições, encontra-se a amostra da pesquisa – acadêmicos dos dois últimos períodos letivos.

Neste contexto, a busca por iniciativas inovadoras – capazes de preparar os novos profissionais para um futuro onde o paradigma do emprego seguro, estável e universal deixa de prevalecer – fomenta o debate na sociedade e na academia.

A formação empreendedora insere-se nesta discussão como uma promissora possibilidade de geração de oportunidades individuais (geração do próprio emprego e ampliação do potencial de empregabilidade) e sociais (oferta de postos de trabalho pela constituição de novos empreendimentos e redução do índice de falências de micro e pequenas empresas). Entretanto, seria ilusão acreditar que o problema do descompasso entre a formação de profissionais e a capacidade de absorção do mercado possa ser resolvido exclusivamente pelo fomento ao empreendedorismo.

As universidades públicas, pioneiras na inserção de disciplinas sobre este tema em seus currículos, podem constituir-se como espaço privilegiado para a formação de indivíduos dotados de habilidades e competências empreendedoras, aptos a identificar, desenvolver e consolidar visões de negócios e a contribuir para a redução dos alarmantes índices de mortalidade em micro e pequenas empresas.

De modo a contribuir com o processo de formação empreendedora em universidades e a responder aos objetivos do trabalho, serão analisadas as principais conclusões da pesquisa sobre o perfil, a opinião e o comportamento dos acadêmicos de administração e ciência da computação da Universidade Federal de Lavras.

A pesquisa, ao abordar os alunos dos dois últimos períodos letivos e encontrar a concentração etária entre 21 e 23 anos não contradiz a constatação de melhoria na eficiência do sistema de formação superior, ou seja, a idade dos graduandos em questão desvia-se muito pouco da idade esperada para a conclusão dos cursos.

A necessidade de se ampliar a qualidade da formação individual e as oportunidades oferecidas pela instituição condicionaram a participação de 79,7% dos respondentes em atividades extra-classe, sendo que, em muitos casos, mais de uma atividade foi realizada por um mesmo graduando. Este panorama se repete no que se refere às atividades profissionais. A necessidade de experiência prévia, já no primeiro emprego, representa uma das exigências atuais do mercado de trabalho. Diante deste quadro, 77% dos estudantes exerceram alguma atividade profissional, sendo que 14,9% já o fizeram em negócio próprio. Neste índice não se inclui os estágios de conclusão de curso.

A consolidação de negócio próprio em médio-longo prazo representa a meta de 29,7% dos acadêmicos. A contraposição deste dado com os objetivos imediatos revela que, possivelmente, a necessidade de maior qualificação, experiência de mercado ou acumulação de capital, conduz os respondentes a optar por atividades distintas no curto prazo. Apenas 9,5% dos acadêmicos pretendem empreender tão logo concluem sua formação superior.

Os resultados obtidos, sugerem a necessidade de se ampliar as condições de consolidação de novos negócios por recém-formados, de modo a evitar a dispersão de objetivos no curto prazo daqueles que pretendem empreender no futuro. A interação universidade – sistemas de suporte (com destaque para agências de fomento e incubadoras de empresas) pode contribuir para a redução deste fato.

Os estudantes reconhecem a contribuição das disciplinas e das atividades extra-classe para a consolidação de competência empreendedora em 7 das 9 questões propostas, com ênfase para a identificação de atributos pessoais, favoráveis ou não, à consolidação de suas metas e para a seleção de possibilidades profissionais.

Em contrapartida, não identificaram em suas disciplinas conteúdo satisfatório sobre empreendedorismo. Revelaram, ainda, a tendência das atividades acadêmicas em formar empregados e não empreendedores. Esta última constatação, alinha-se ao diagnóstico de Dolabela (1999) no que se refere à ênfase dada por ementas e teorias às grandes empresas e à inadequação das metodologias para a formação de empreendedores.

A tendência ao comportamento empreendedor foi reconhecida pelos estudantes. Entre os atributos questionados, a consolidação de redes de relacionamento interpessoal foi citada com maior frequência e o aprendizado contínuo representa um aspecto característico da conduta da amostra. Verifica-se, entretanto, que nem todos os respondentes são oriundos de meios sociais empreendedores.

Constata-se, por fim, que os respondentes tendem a abdicar com mais facilidade de remuneração (para obtenção de satisfação) do que de estabilidade e segurança em busca de autonomia. O “encanto do trabalho”, reconhecido por Minerbo (1999), parece habitar o inconsciente não apenas dos trabalhadores, mas também, dos futuros profissionais.

A existência de diferenças entre os cursos, revelou a tendência dos estudantes de administração em desenvolver, com o auxílio de disciplinas e atividades extra-classe, visões de negócio de modo mais intenso que os graduandos de ciência da computação. Em contrapartida, os administradores identificam em menor grau a presença de tópicos sobre empreendedorismo no contexto de suas atividades curriculares.

Finalmente, a constatação da existência de subgrupos sinaliza a possibilidade de novos estudos sobre o tema, capazes de investigar qualitativamente as opiniões e o comportamento dos segmentos de maior potencial empreendedor.

## **6- Referencias bibliográficas**

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2001.

CALDAS, M. P. **Demissão**: causas, efeitos e alternativas para empresa e indivíduo. São Paulo: Atlas, 2000.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. Belo Horizonte: Cultura, 1999.

DOLABELA, F. O ensino de empreendedorismo: panorama brasileiro. **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte**. Brasília: CNI. IEL Nacional, 2001.

FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração de Empresas**. FGV, São Paulo, p. 63-71, jul./set. 1991.

FILION, L. J. From entrepreneurship to entreprenology. Disponível [Online] em <http://www.sbaer.uca.edu/Research/1997/ICSB/97ics006.htm>. 1998. Acessado em 03 de abril de 2003.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios. **RAUSP**, São Paulo, n.2, p. 05-28, abr./jun. 1999.

FILION, L. J. O empreendedorismo como tema de estudos superiores. **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte**. Brasília: CNI. IEL Nacional, 2001.

HAIR JR., J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAN, R. L.; BLACK, W. C. **Multivariate data analysis: whith readings**. 4.ed. New Jersey: prentice Hall, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Taxa média de desemprego aberto - ajuste sazonal. Disponível [Online] em [http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pmesazonal/pme1991\\_2002\\_original\\_sztm.shtm](http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pmesazonal/pme1991_2002_original_sztm.shtm). Acessado em 28 de novembro de 2002.

KRAYCHETE, G; LARA, F.; COSTA, B. (Org.). **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE; UCSAL, 2000.

LA ROVERE, R. L. Perspectivas das micro, pequenas e médias empresas no brasil. Disponível [Online] em <http://www.mdic.gov.br/tecnologia/revistas/artigos/200104rj/art06RenataLebre.PDF>. Acessado em 11 de dezembro.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookmam, 2001.

MARTINS, J. F. G. Vivências e experiências dos trabalhadores nos processos participativos: a busca do sentido da vida. VI Encontro Nacional de Estudos do Trabalho, Belo Horizonte, 1999. **Anais...** – São Paulo, ABET, 1999.

MINERBO, M. **Inconsciente: um resgate de sua dimensão social-histórica**. Psicologia USP, São Paulo, 1999, v. 10 n.1. p. 335-45. ISSN 0103-6564.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Censo da educação superior 1999. Disponível [Online] em <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/default.asp>. Acessado em 12 de dezembro de 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fatos sobre a educação no Brasil 1994 – 2001. Disponível [Online] em <http://www.mec.gov.br/acs/ftp/tabela/fatos.doc>. 2002. Acessado em 09 de dezembro de 2002.

POCHMANN, M. Estudo traça o novo perfil do desemprego no Brasil. **Revista do Legislativo**, abr./dez. 1999. p. 38-47.

SCHUMPETER, J. A. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. **Os economistas**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Projeto político pedagógico do curso de administração. Disponível **[Online]** em <http://www.prg.ufla.br/ppp/Pppadm.doc>. Acessado em 05 de abril de 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Projeto político pedagógico do curso de ciência da computação. Disponível **[Online]** em <http://www.prg.ufla.br/ppp/DadosPoliticoPedagogicosComputacao.doc>. Acessado em 05 de abril de 2003

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.